

13 SET 1997

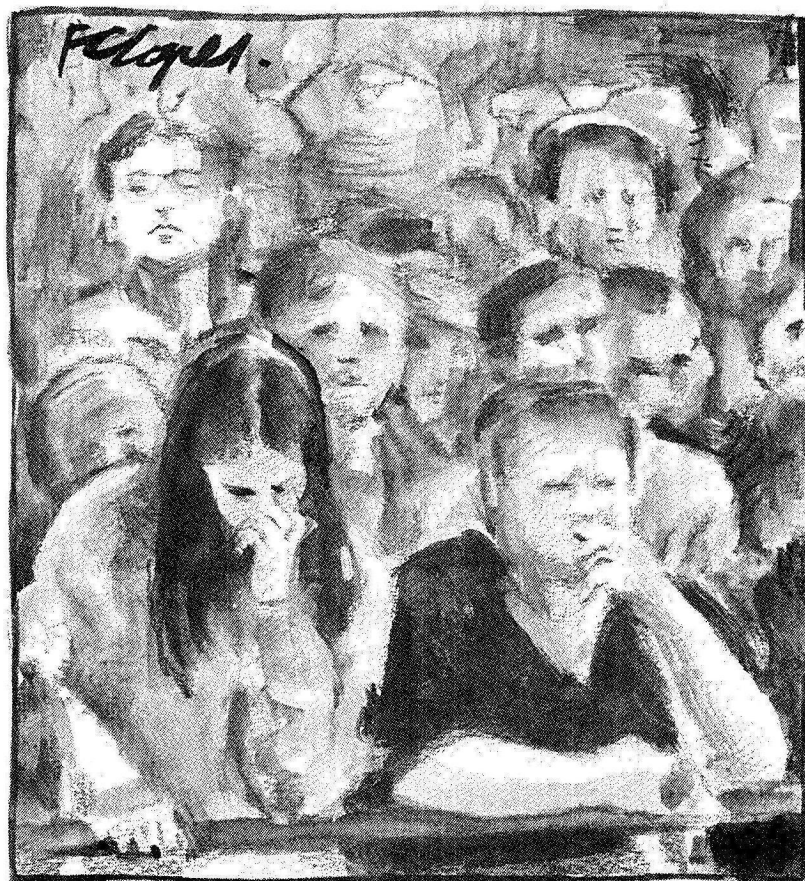
CORREIO BRAZILIENSE

PODER E POVO

Josaphat Marinho

Rica em fatos, a vida é imensurável em exemplos. Acabam de confirmar essa vontade os reflexos da morte da princesa de Gales. Da busca de responsáveis pela tragédia, a opinião pública, sobretudo na Inglaterra, concentrou-se na observação do procedimento da Família Real em face do pesar coletivo. A aparente distância da realeza ampliava as interrogações. Ao observador isento não é dado aceitar, de plano, e ainda menos asseverar indiferenças da nobreza reinante. O recato e o silêncio podiam refletir o estilo de proceder da monarquia. Mas a diferença, mesmo aparente, entre o sentimento público manifesto e o retraimento da nobreza afigurou-se um divórcio indesculpável. A censura tornou-se geral. Ninguém admitia razões que justificassem a ausência da Casa Real nos testemunhos populares de apreço à princesa Diana. À medida que cresciam as visitas e aumentava o volume imenso de flores em homenagem à princesa, ampliava-se a estranheza pelo isolamento dos membros da Família Real.

Superando ritual e expectativas, a rainha falou ao povo. Não pediu testemunho de tristeza pelo desastre. Declarou-se junto à comunidade na expressão de dor. A palavra real teve claro sentido de adesão ao sentimento comum: "Eu me uno à vossa determinação de honrar sua memória". Era a rainha que se juntava à multidão. E ainda mais se juntou comparecendo à rua, com o príncipe Charles e os dois filhos da princesa, para cumprimentar pessoas e com elas participar do ato público de tristeza e respeito. Ao mesmo tempo, o pavilhão real, excepcionalmente, foi erguido, em sinal de luto, no Palácio de Bucking-



ham. Como se isso não bastasse, ao passar da carruagem fúnebre, a rainha, rompendo tradição, curvou-se leve e nobremente em reverência à princesa morta.

Não cabe analisar, agora, a intenção exata dessas atitudes. Certo é que nenhum desses gestos da realeza a diminuiu. Ao contrário, elevou-se até o povo, com este a identificando, pelo menos momentaneamente. A democracia é isso: como escreveu Kelsen, significa identidade de dirigentes e dirigidos. Onde monarcas, mesmo sem efetivo poder de mando, representam a nação, iniciativas da sensibilidade das

agora presenciadas é que promovem a identidade reclamada. O poder aproxima-se do povo porque é deste, em realidade, que emana a autoridade política. Em hora como a vivida pela dinastia inglesa, vê-se, claramente, como o poder depende do povo. A força irresistível da coletividade expande-se e sobe como maré montante, envolvendo o mando organizado. Sem o apoio de tropa, ou ameaça de arma, apenas com a voz que atinge a intimidade dos palácios e com a decisão traduzida no vigor dos protestos, o povo impõe os caminhos da democracia. Reina sem depor ninguém. E até

respeita ritos, como se viu nos funerais recentes. Provoca a participação, em que os espíritos vivem os mesmos sentimentos, ainda que por instantes.

Há de reconhecer-se que o fato de um momento, por circunstâncias especiais, reflete constantes históricas. Em realidade, ao longo do tempo, o poder não se legitima nem se afirma por si, ou por seu império. O que lhe transmite força, ao menos permanente, é a credibilidade, que desperta. Daí o preciso e belo conceito de Burdeau: "O Poder é um fato, que não se sustenta senão por crenças". Quando não reflete crença, e se impõe pelo arbítrio, é sempre precário. Se tem capacidade de convencer naturalmente, gera solidariedade e respeito. Os ditadores, mesmo tentando convencer, na verdade ameaçam para dominar. Só nas democracias o estilo dos dirigentes é apelo e não ordem às consciências. Por isso suscita entusiasmo e apoio, e não medo e submissão.

O que ocorreu, agora, na Inglaterra foi altamente significativo. A crítica do povo, talvez indicativa de desconfiança, despertou a realeza. O desencontro, acusado, converteu-se na identificação no sentimento. A partir desse encontro civilizado, o que se observou foi a unidade na tristeza. A realeza não censurou o povo. A massa humana não desacatou os membros da Família Real. Toda divergência foi contida. A sobriedade comum proporcionou ao mundo edificante exemplo de educação democrática. Demonstrou que poder e povo são valores que se completam, se educados no respeito recíproco.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia